

## Televisão e crianças – novas perspectivas de relação

*Sergio Ricardo Quiroga Macleimont\**

### Resumo

A televisão constitui um meio de poderosa penetração, transformado em instrumento de cultura e de interação social. Nossos contextos comunicativos são icônicos e o telespectador se defronta com um universo dinâmico e em constante tensão. Nesse sentido, trata-se aqui de pensar a construção de um novo modelo de análise que permita avaliar e organizar os resultados das pesquisas realizadas. Vale destacar que ganha cada vez mais força a idéia de que o público infantil tem uma maneira particular de relacionar-se com a televisão, quando comparado a outros públicos.

**Palavras-chave:** televisão, crianças, programação.

### Resumen

La televisión se ha constituido en un medio absorbente, de poderosa penetración y se ha convertido en una herramienta de cultura e interacción social. Nuestros entornos comunicativos son icónicos y el espectador de TV se enfrenta a un universo en tensión y dinámico. Formular y construir un modelo de análisis nos puede permitir poner en perspectiva los descubrimientos de las investigaciones y ordenarlos según su rol en esa interacción. La idea de que el público infantil, comparado a otros públicos, tiene una forma particular de relacionarse con el televisor, está tomando mayor fuerza.

**Palabras-clave:** televisión, niños, programas.

### Abstract

Television is a powerful and absorbent media and also an instrument of culture and social interaction. Our contexts are iconic and the TV's spectator deals with a dynamic and tensioned universe. This article discuss the idea of building a new model of analysis according to the role of interaction. It is also important to remark the idea that children interact with television in a different way.

**Keywords:** television, children, programming.

---

\* Pesquisador do Laboratório de Estudos Mediales (LEM) em San Luis, Argentina.  
*E-mail: CIENCIAXXII@yahoo.com.ar*

## Introdução

A televisão é um meio absorvente, de poderosa penetração e se constitui um inigualável instrumento de comunicação, cultura e interação social. Coloca à disposição do público uma série de imagens do mundo, informações e entretenimento que podem ser utilizados para o consumo comum, como material educativo, como base para a formação de opinião ou centro de uma discussão, ou ainda, como matéria prima ou produto.

A televisão não pode ser compreendida apenas como um artefato doméstico ao alcance de todos. Suas complexas inter-relações e interações com as pessoas, em geral, e com as crianças, em particular, foram e são objetos de análise da perspectiva da violência, onde o foco de atenção preponderante é a dimensão dos efeitos da televisão. A participação no projeto “Violencia y Agresión en el Sistema no Formal de Educación y sus Efectos Psicoeducativos en el Sistema de Educación Formal”, bem como a formulação das presentes reflexões, levaram-me a mergulhar no fragmentado e atraente mar da pesquisa sobre televisão e públicos e, mais especificamente, na profusão das pesquisas sobre televisão e crianças.

A idéia central oferece contribuições para aqueles que lidam com esta temática, na medida que persegue ou tenta reconstruir as principais tradições nas quais se apoiaram e foram formuladas as pesquisas sobre a relação TV/crianças. Para tal, num primeiro momento, farei a exposição de algumas características do meio televisivo que o tornam singular. Em seguida, formularei sinteticamente as principais características da vasta produção sobre a relação TV/públicos. E, finalmente, traçarei algumas linhas sobre a relação TV/crianças. Não é necessário dizer que a presente elaboração é incompleta e reduzida, e pretende expor uma visão panorâmica do tema, esperando suscitar novas perguntas e discussões. Gostaria, ainda, de fazer uma consideração que, embora possa não parecer acadêmica, elucida minha posição em relação ao tema. Acredito, definitivamente, que a televisão é um meio extremamente fascinante. Não confio muito nos cânones de objetividade científica, tradicionalmente formulados. Enquanto pesquisadores, somos marcados por nossos próprios pontos de vistas e “olhares”, por nossa bagagem teórica e pelo próprio “objeto” de análise, e isso é inegável. Por outro lado, as ciências sociais vivem a construção e reconstrução de seus próprios objetos sociais, o que lhes confere, portanto, uma dinâmica especial.

## A televisão

A televisão é o meio de comunicação que seduz e nos transmite idéias de mundo, linguagens, padrões de beleza, estereótipos, ideologia e informações. Intelectuais como Silverstone afirmam que “devemos conceber a televisão, não apenas como uma forma econômica e política, mas também cultural, social e psicológica” (1996, p.12). Williams se questiona sobre a forma pela qual a televisão chegou a ocupar um lugar tão preponderante em nossas vidas. Sua análise apresenta três níveis (STEVENSON, 1998, p.42): 1) as relações sociais materiais que determinaram o surgimento da televisão; 2) uma análise do fluxo ou dos ritmos do conteúdo televisivo; 3) uma crítica aos pressupostos que subjazem em algumas pesquisas sobre os ‘efeitos’ da televisão.

Por outro lado, a TV também é vista como um instrumento para entreter e relaxar, acionado quando as pessoas não querem se comunicar. Nesse sentido, o tema dos “usos da televisão” começa a ser analisado no amplo contexto das atividades de tempo livre e ócio, levando em conta as relações familiares e o uso do espaço doméstico (MORLEY, 1996). O efeito dos meios audiovisuais, portanto, deve ser examinado nos complexos contextos e nos cenários específicos onde ocorrem as interações com os meios, a família e as circunstâncias específicas. Diante do fenômeno social da televisão, três posturas costumam ser adotadas: aquela que considera a TV como causa de todos os males, aquela que a concebe apenas como uma forma de entretenimento e, finalmente, a que acredita que a TV pode ser um veículo de cultura.

Vários intelectuais, entre os quais Fernando Savater<sup>1</sup>, se pronunciaram terminantemente contra a televisão, acusando-a de impedir o pensamento demonstrativo. O fato de que a televisão seja o espaço das emoções e das sensações leva à formulação de atitudes singulares de rejeição como esta. No entanto, o que mais exerce influência não são os discursos televisivos, mas seus relatos. Os telespectadores não são influenciados naquilo que está ligado à razão, mas sim, às suas emoções (FERRÉS, 1996, p.15-16). Tal influência da televisão só pode ser compreendida se nos propomos a conhecer a lógica das suas emoções, dos mecanismos do inconsciente e das comunicações não percebidas (*Id.*).

## Aculturação

A idéia de “aculturação” foi usada para descrever e caracterizar as contribuições da televisão para as concepções da realidade social do espectador. O chamado “diferencial de aculturação” é a margem de diferença nas concepções de realidade entre os espectadores ávidos e os eventuais dentro dos subgrupos demográficos. O conceito de aculturação, aplicado à contribuição que a TV traz às concepções da realidade social, não deve ser confundido com a idéia de efeito. Também não se trata de um processo de mão única, na medida que suas influências se entrelaçam com outras e que se trata de um papel de interação entre o meio e seus públicos (GERBNE, MORGAN, SIGNORIELL, GROSS, 1996).

Martín-Barbero (1987, p.234) apresenta um novo aspecto da relação família-TV, quando aponta a família “enquanto espaço das relações curtas e de proximidade”. Assim, “a televisão assume e forja dois dispositivos chaves: a simulação do contato e a retórica do direto”. Para o autor, essa simulação do contato se refere aos mecanismos pelo quais a televisão especifica seu modo de comunicação mantendo o contato enquanto retórica do direto, e é “o dispositivo que organiza o espaço da televisão no eixo da proximidade e da magia do ver (...)” (*Id.* p.234-235).

Em *Encoding and Decoding in Television Discourse*, Stuart Hall postula que a criação do significado ocorre no processo de produção e recepção dos meios, e codificar é tornar precisas algumas fronteiras que tendem a limitar a ‘liberdade’ do processo de decodificação (...)” (GRANDI, 1995, p.127). Além disso, Hall nos mostra três diferentes formas de decodificação: uma posição dominante hegemônica (leitura preferida), uma posição negociada e uma posição de oposição. A leitura preferida é aquela onde o significado coincide com a decodificação. A leitura negociada é aquela que legitima o código recebido, mas, ao mesmo tempo, elabora definições próprias, segundo as posições que os receptores ocupam na organização social com relação ao poder. Finalmente, a leitura de oposição é produzida quando o receptor compreende a leitura preferida, mas a contextualiza num marco de referência alternativo.

Stuart Hall (1980) analisou a relação entre essas três posições hipotéticas (leitura preferida, negociada e de oposição), onde os acontecimentos que são significados e decodificados de modo negociado começam a ser lidos em oposição. Os textos podem ter seu significado modificado em função da atividade interpretativa da audiência.

Os usos sociais da televisão são de dois tipos primários: estruturais e de relação (LULL, 1980a e 1980b, *apud* GRANDI, 1995) e os usos estruturais podem ser usos estruturais ambientais e usos estruturais reguladores. Lull (1988, p.248-250) assinala que as diferenças nas preferências televisivas entre homens e mulheres seguem padrões previsíveis que são quase universais. A forma pela qual os integrantes de uma audiência usam a televisão para realizar acordos práticos sociais, segundo Lull (GRANDI, 1995, p.160), podem ser classificados em quatro grupos:

Usos de relação da televisão (LULL)	
Primeiro Uso	Criar uma ajuda para facilitar a comunicação
Segundo Uso	Pertencimento/exclusão
Terceiro Uso	Meio de aprendizagem social na vida cotidiana
Quarto Uso	Fundar normas de domínio

Lull ainda afirma que os tipos de sistemas econômico-políticos de cada nação não têm uma influência significativa: “Em todos os lugares, os homens parecem preferir esportes, programas de ação e programas informativos (especialmente notícias), enquanto as mulheres preferem os dramas (incluindo séries, telenovelas e filmes) e programação baseada em música/dança/comédia” (1988, p.248).

Resumindo, nos autores e trabalhos que se destacam, as categorias de análise usadas e as características metodológicas assumidas são:

- Produção de sentido no consumo televisivo, de David Morley.
- Análise do contexto de recepção segundo o gênero. Leng Ang, Morley.
- Relação do processo de codificação e decodificação das novelas, de Hobson.
- Da produção do texto às suas interpretações, de David Buckingham.
- A pesquisa etnográfica, de James Lull. (GRANDI, 1995).

O termo cultura, como construção social, resulta polissêmico e pode ser entendido como uma rede de significados que os próprios seres humanos tecem sobre suas ações. A idéia de que os discursos são construídos social e historicamente, mas também constroem seus leitores em função dos contextos, vem sendo privilegiada nos últimos tempos.

Assim, é cada vez mais forte a idéia de que as relações discursivas e as suas tensões influenciam tanto a produção de textos, quanto de leitores, sendo necessário, ainda, considerar o caráter icônico dos textos televisivos. As categorias teóricas de análise que devemos ter em conta à luz das experiências coletadas, incluem a produção de sentido no consumo televisivo, a posição do sujeito enquanto partícipe e produtor do processo de significação, a análise do contexto de recepção, a relação do processo de codificação e decodificação das mensagens televisivas, a produção do texto e suas interpretações e a pesquisa etnográfica.

#### A pesquisa com crianças e TV

Ao longo da última década, as pesquisas sobre a relação entre televisão e crianças abordaram os possíveis efeitos da televisão nas crianças a partir de tipificações de mercado, análise de políticas governamentais ou apresentações de experiências piloto com programas televisivos de caráter local. As revistas especializadas abordam o tema a partir de diferentes marcos teóricos e temáticos. É necessário assinalar que a violência da mídia é naturalmente diferente da violência “real”, fato que muitas vezes não é claramente percebido nas pesquisas e estudos contemporâneos. Segundo Carmen Dagfal Barrera e Graciela Alvarez, não é simples separar o conceito de “violência” de outro termo associado como é o da “agressão”. Elas postulam que a violência, quando é forte e sustentada ao longo do tempo, costuma culminar em fatos agressivos (2000, p.77). As autoras argentinas afirmam que a violência pode ser abordada de diferentes perspectivas: ética, psicopatológica, sócio-cultural, institucional, antropológica e psicoeducativa (*Id.* p.79).

A televisão tem uma presença singular na vida cotidiana das crianças, mas as pesquisas tradicionais sobre a relação entre televisão e crianças, infelizmente, concentraram-se nos possíveis efeitos da TV sobre estas. A preocupação com a influência da televisão nas crianças está tradicionalmente relacionada à idéia de que tratam-se de receptores limitados, “sem cultura televisiva” para administrar a violência e a explosão de informações que este meio traz, informações apresentadas de forma cativante e de fácil absorção. Se, para lidar com a televisão, faz-se necessário uma cultura televisiva, essa necessidade não deveria ser considerada apenas como um inconveniente ou dificuldade infantil. E a situação dos adultos?

O tema da violência constituiu o eixo central dos estudos sobre TV e crianças. Eurasquín aciona o termo “tele-crianças” para referir-se às crianças que passam mais horas diante da TV do que os adultos, e o fazem desde os primeiros anos de suas vidas (DOTRO, 2000, p.22).

Duas grandes linhas de pesquisa se desenvolveram: uma que adota postura favorável à televisão, considerando-a como panacéia de grandes problemas, e a outra que entende a TV como prejudicial e pouco benéfica às crianças (PÉREZ, 1994 e URANGA, 2000). Quatro grandes temáticas foram distinguidas na atual pesquisa sobre a interação das crianças com a TV (TOLOZA, 1999):

---

*A Televisão como agente de modificação do comportamento*

---

*A Televisão na afirmação dos modelos de gênero e dos estereótipos*

---

*A resposta cognitiva infantil aos estímulos televisivos*

---

*O papel dos pais como agentes mediadores*

---

Diante da complexidade da relação entre a televisão e as crianças, duas dimensões desta relação podem ser analisadas: a de conteúdo e a tecnológica. Duas formas de percepção geral sobre o tema foram assinaladas (*Id.*): uma negativa, na qual se superestima a capacidade de influência da televisão sobre as crianças; e uma positiva, na qual a ênfase é posta nas potencialidades do meio, mais do que nas realidades concretas e observáveis no que se refere ao conteúdo e à forma das realizações televisivas.

Um dos temas que mais tem provocado discussões, refere-se ao surgimento de comportamentos violentos em crianças, induzidos pela programação da TV. As condições de vida mudaram e estão em permanente transformação, e a quantidade de horas que crianças e jovens ficam expostos à televisão poderia indicar uma padronização de suas mentes e condutas. A exposição à música e aos comportamentos agressivos que promovem a violência estaria produzindo um imaginário e, ao mesmo tempo, uma forma de resolução dos conflitos.

Eduardo Contreras (1993) assinala que a relação entre televisão e crianças está marcada pela ênfase colocada no estudo dos efeitos negativos do meio, uma variedade de pesquisas sobre tais efeitos negativos, uma escassa conexão entre a pesquisa e as políticas televisivas e um atual redirecionamento para a criança enquanto produtora de sentidos<sup>2</sup>. Pervin<sup>3</sup>, em 1973, oferece uma classificação sobre os possíveis efeitos da televisão:

- *Aprendizagem da agressão (estimulação);*
- *Despertar do comportamento agressivo;*
- *Dessensibilização (habituação)*
- *Catarse*

Por outro lado, Gunter afirma que os efeitos da violência veiculada na televisão podem ser estudados com “um conjunto de métodos de pesquisa” (1996, p.227) que atenda aos diferentes tipos de efeitos: cognitivos, afetivos e de comportamento. O autor afirma que os efeitos de comportamento são aqueles que concentram maior interesse por parte dos pesquisadores, e inclui nesta categoria diferentes hipóteses como: catarse, excitação, desinibição, imitação, dessensibilização.

Nossos contextos comunicativos são icônicos e o telespectador se depara com um universo dinâmico. Indagado sobre a preocupação da incidência da televisão e dos jogos de vídeo na violência, o pedagogo italiano Francesco Tonucci afirmou que os instrumentos não têm em si valores positivos ou negativos<sup>4</sup>. A idéia do confronto escola-TV – onde a primeira é o terreno do pensamento abstrato e da “razão”, e a segunda, o mero “reino da imagem” e das emoções – é um raciocínio simplista e inútil, não contribuindo em nada na tarefa de geração de perspectivas.

Joan Ferrés aposta na aplicabilidade do conceito de catarse – utilizado por Aristóteles para referir-se aos efeitos da tragédia – aos relatos televisivos. O pesquisador afirma:

“Os relatos audiovisuais funcionam como as histórias, onde entra em jogo uma série de desejos em conflito. A criança vive inconscientemente esta trama de desejos antagônicos como expressão simbólica de seus próprios conflitos e tensões internas. Também o telespectador vive os relatos como articulação metafórica de seus mais íntimos conflitos. O suspense – com o qual um e outro caso chega à solução dos conflitos – permite ao inconsciente do espectador ativar os mecanismos de implicação emotiva. Deste modo, ele vai elaborando progressivamente seus conflitos, vai se libertando, purgando-os, ficando finalmente libertado e purificado” (1996, p.112).

Estabelecer uma relação entre a televisão e as crianças é deparar-se com grandes níveis de dificuldade e complexidade. De acordo com Gunter (1996, p.231), os métodos de pesquisa sobre os efeitos da TV normalmente utilizados têm sido os seguintes:



- *Experiências de laboratório*
- *Trabalho de campo*
- *Sondagens correlacionais*
- *Estudos de Paineis Longitudinal*
- *Experiências naturais*
- *Estudos de Intervenção*

Recentemente, e na última década, as contribuições de David Morley (1992), Brunner (1993), Silverstone (1994), Fuenzalida (1994) e de outros autores latino-americanos tendem a analisar o fenômeno da televisão e sua relação com o público infantil a partir de outros olhares. As crianças são receptores ativos que “significam e que estabelecem seus âmbitos de exposição a partir de seus aprendizados e processos de socialização, dos quais participam outros agentes sociais” (URANGA, 2000, p.85). Devemos, portanto, considerar a criança como um seletor ativo quando decide satisfazer suas necessidades específicas e atribuir seus próprios significados aos conteúdos apresentados na tela. O processo inclui tanto uma oferta por parte do meio, quanto uma seleção ativa por parte do sujeito. As crianças usam suas experiências para gerar um processo de “negociação de sentidos” com as mensagens que recebem do meio, como afirmou Orozco Gómez (1996), e para identificar-se com personagens midiáticos durante suas brincadeiras<sup>5</sup> (OROZCO, 1990).

Lindlof (1995, p.6) defende que as pessoas conferem significados às suas próprias ações, às ações alheias e aos universos a que podem acessar, e afirma “os significados não são meros acessórios das condutas. O próprio fato de refletirmos sobre nossas ações, e de imaginarmos possíveis ações futuras, é o que confere sentido ao que fazemos”. A nova concepção da atividade das crianças durante a recepção televisiva faz com que estas elejam, não todos, mas alguns gêneros ou programas televisivos (FUENZALIDA, 1997).

A idéia de que o público infantil apresenta uma forma particular de se relacionar com a televisão está tomando maior força. Se os discursos midiáticos são construídos social e historicamente, também seus leitores são construídos em função dos contextos. No processo de interação social, as atitudes interferem no processo de recepção (TUDOR, 1975) e as crianças fazem com que sejam significativas em virtude das concepções anteriores ou prévias. Tudor (1975) denomina este processo de “percepção seletiva”, onde as predisposições culturais das crianças interferem no processo de percepção.

Por outro lado, Martín-Barbero (1987) propôs, no âmbito latino-americano, um conjunto de abordagens teóricas, segundo as quais, os meios estão situados num ambiente social e cultural e são as diferentes mediações que modificam a mensagem da mídia. O rádio e o cinema, em especial na América Latina, transformaram as idéias em sentimentos, vertebrando a cultura de massas, o melodrama incorporou a noção do nacional e se converteu na passagem do rural ao urbano. O público conheceu e reconheceu novos hábitos e códigos de costumes. Barbero chama de mediações “às articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, às diferentes temporalidades e à pluralidade de matrizes culturais” (1987, p.203). O espaço onde se confere sentido ao processo de produção comunicativo é a cultura. O autor descentraliza o lugar privilegiado que era outorgado aos meios massivos na comunicação para analisá-la e aprofundá-la, não unicamente em direção aos meios, mas incluindo a atividade de recepção no contexto mais amplo da cultura. A cultura mídia é também a cultura da mestiçagem, é esse estar em meio à tradição e à modernidade, do indígena e do europeu, do rural e do urbano, do popular e do massivo. O autor assinala que é necessário sair da razão dualista (do ideologismo e do informacionalismo). A presença extraordinária que, na versão funcionalista, era atribuída aos meios de comunicação passou a ser depositada na *ideologia*, que se tornou, então, objeto e sujeito.

Para o estudioso latino-americano, as mediações adquirem organização e coesão através do cotidiano, do consumo e da leitura. A cultura se manifesta com três caras (sociabilidade, ritualismo e tecnicidade). Segundo Guillermo Orozco Gómez (1996), as mediações podem ser caracterizadas como individual, institucional, *mass*-midiática, situacionais, de referência, etc. A cotidianidade familiar é, para Martín-Barbero, um lugar social de uma interpelação fundamental para os setores populares, “onde os indivíduos se confrontam como pessoas e onde encontram alguma possibilidade de manifestar suas ânsias e frustrações” (1987, p.234). Ainda segundo ele, a televisão é “a unidade básica de audiência”, na medida em que representa, para as maiorias, “a situação primordial de reconhecimento” (*Id.*).

Quando os vários setores sociais apresentam diferentes usos e demandas da televisão, a antiga pergunta sobre o que a televisão faz com os públicos é repensada e reformulada em novos termos: o que os públicos específicos fazem com a televisão? Ou ainda, o que as crianças fazem com a TV? E o que as crianças constroem com os textos televisivos?

Atualmente, a recepção das mensagens dos meios de comunicação é reconhecida como ativa e realizada no contexto de diferentes mediações, processos de negociação e apropriação dos significados (FISKE, OROZCO). A teoria socialista do prazer, de Fiske, sugere uma noção de mercado que democratiza o acesso das pessoas aos bens culturais e, nas palavras de Bourdieu (1984), este acesso às ofertas culturais que promove o gozo e o prazer das pessoas depende da sua formação familiar e educativa (STEVENSON, 1998, p.54). A televisão é um meio que produz com assiduidade programas abertos e ambíguos, “textos produtivos” que “delegam a produção de significado ao espectador-produtor” (FISKE, 1989, CURRAN, 1999). Para Fiske, a idéia de uma “democracia semiótica” considera o texto como único alinhavador de sentido, sem levar em conta o fator social das leituras, já que tal texto não é material de análise, pois é sempre variado e está em constante transformação.

Assumimos os públicos como seletores ativos que decidem satisfazer suas necessidades específicas e atribuir seus próprios significados aos conteúdos oferecidos na tela. O processo inclui, tanto uma oferta ativa por parte do meio, quanto uma seleção ativa por parte do sujeito. Os públicos usam suas experiências para gerar um processo de negociação de sentidos com as mensagens que recebem dos meios (OROZCO, 1996). O contexto de recepção é estabelecido como um espaço de luta e de confronto entre as interações do texto com as posições sociais e discursivas dos públicos. Cada membro do público é parte de um ou de múltiplos grupos e, nesse âmbito, ele seleciona padrões de consumo e se apropria das mensagens midiáticas dirigidas ao grupo do qual faz parte. No entanto, cada pessoa faz parte de grupos diferentes e pode ter papéis diferentes em cada um deles. Tal liberdade do público explicaria tanto seus graus de autonomia, que têm origem nas diferenças sociais, lingüísticas e culturais, quanto o fato das diferentes respostas do público às mensagens midiáticas, que sente ou percebe as influências da diversidade das formações subculturais dentro de uma mesma classe social (MORLEY, 1996, CURRAN, 1999). É nesse momento então, que tomam forma os significados dos públicos através da interação do texto com a dinâmica das posições sociais e discursivas das audiências (CURRAN, 1999).

Estamos de acordo com Cristian Toloza quando sugere que a pesquisa sobre crianças e TV deve apresentar características pluridimensionais, interdisciplinares e transdisciplinares. Tais características são desejáveis e viáveis, mas na prática acadêmica, muitas vezes, não é simples dar andamento a tais metodologias. Tais caracterizações, aliás, não são simplesmente “metodologias”, porque implicam diferentes formas de apreender os objetos sociais – os motivos são diversos e não constituem objeto do presente trabalho. A pluridimensionalidade e a transdisciplinaridade são características que toda pesquisa em ciências sociais deve assumir ao estudar uma realidade complexa, vertiginosa e turbulenta, mas elas não devem ser acionadas apenas enquanto mero encontro disciplinar, e sim em nome de uma aproximação mais efetiva dos objetos de estudo-pesquisa. E essa é uma difícil decisão.

## Notas

<sup>1</sup> “Numa reportagem publicada no jornal *Clarín*, Fernando Savater apresenta uma discussão em que sustenta que a televisão impossibilita o discurso enquanto dianóia ou pensamento demonstrativo, porque não permite a argumentação devido aos curtos espaços de tempo e à primazia da imagem. É isto o que, para Savater, explica a redução da leitura nas crianças e, ao mesmo tempo, torna evidente a necessidade de incrementar tais leituras, posto que seria a única forma de desenvolver algum tipo de consciência crítica – que para ele dependeria do pensamento discursivo. Se não existe discurso, não existe crítica, e se a televisão impossibilita o discurso, também a crítica é inviabilizada” (CHORROARIN, 1997, p.32-33). O filósofo espanhol também comentou que “Não me preocupa a ameaça da TV. A maioria dos ‘telebobos’ é constituída por filhos de ‘bobos’ que deixaram seus filhos sozinhos na frente da televisão. Quando existe uma alternativa interessante, a televisão se apaga” (Entrevista a Fernando Savater, Revista VIVA, 2001, “Com a pena e a palavra” em: *Revista del Diario Clarín*, 20 de maio, p.35).

<sup>2</sup> Citado por URANGA (2000) “Comunicación y educación: participación de los niños en um mundo global” in *Reflexiones Académicas*, nº12, Facultad de Ciencias de la Comunicación e Información, Universidad Diego Portales, Santiago de Chile, p.85.

<sup>3</sup> Citado por DOTRO (2000) “Infancia y Televisión” in *Revista IICE*, Facultad de Filosofía y Letras – UBA, ano VIII, nº16, julio 2000, p.23.

<sup>4</sup> O intelectual italiano Francesco Tonucci diz: “A TV e os vídeos são instrumentos que não tem um valor positivo ou negativo em si mesmos. Se falamos de diversão e informação, está tudo muito bem. O problema é que as crianças não tem outra opção. Não podem sair de casa porque o ambiente é perigoso. Vivem prisioneiros em fortalezas e não tem como descarregar sua energia porque ficam três horas na frente da tela, e então vão descarregar de uma forma agressiva”. Revista VIVA (2001) “Consejos de un niñoólogo” in Chicos Violentos - *Revista del Diario Clarín*, 13 de maio, p.29.

<sup>5</sup> Citado por URANGA (2000) “Comunicación y educación: participación de los niños en un mundo global” in *Reflexiones Académicas*, nº12, Facultad de Ciencias de la Comunicación e Información, Universidad Diego Portales, Santiago de Chile, p. 85.

### Referências Bibliográficas

- AVENDAÑO, C. *¿Qué y cómo ven los niños televisión?* In FUENZALIDA V. *Televisión infantil y violencia*. Santiago: CPU, 1993.
- BARTHES, R. *Mythologies*. Paris: Seuil, 1957.
- BOURDIEU, P. *Distinction*. Londres: Routledge, 1984
- BRUNNER, Joaquín “La televisión y los niños”. Documento de Trabajo Flacso. Programa Chile. *Serie: Educación y Cultura*, nº 41. Santiago, setembro de 1993.
- CASTAÑARES, Wenceslao. “La Televisión y sus géneros: ¿Una teoría imposible?” *Revista Digital - CIC - Cuadernos de Información y Comunicación*. Edição na Internet, 1999.
- CHORROARIN, Silvia. “El problema de la dominación de la industria cultural. Las tesis y categorías de Theodor Adorno” In *Teorías Políticas y Teorías de la Comunicación*. Ponencias del 2do. Congreso Nacional de Facultades y Carreras de la Comunicación, La Plata: Ediciones de Periodismo y Comunicación, UNLP, 1997, p.32-33.
- CONTRERAS, Eduardo. In: Fuenzalida V. *Televisión infantil y violencia*. Santiago: CPU, 1993.
- CURRAN, James (1999). “El nuevo revisionismo en la investigación de la comunicación de masas: una nueva valoración”. Tradução de Eva Aladro, *Revista Digital - CIC - Cuadernos de Información y Comunicación*. web: [www.ucm.es/info/per3/cic/index.htm](http://www.ucm.es/info/per3/cic/index.htm) (março, 2000).

- DAGFAL BARRERA, Carmen y ALVAREZ Graciela, Noemí. “La irrupción de la violencia en la institución educativa”, *Revista IDEAS*, nº 28, Facultad de Ciencias Humanas, UNSL, San Luis, 2000, p.75-84.
- DELORS, Jacques. *La educación encierra un tesoro*. Madrid: Santillana, 1996.
- DOTRO, María Valeria. “Infancia y Televisión” In *Revista IICE*, Facultad de Filosofía y Letras – UBA, año VIII, nº 16, julho, 2000, p. 21-30.
- ECO, Umberto. *Lector in Fabula. La cooperación interpretativa en el texto narrativo*. (Traducción de Ricardo Pochtar). Barcelona: Lumen, 4ª Edición, 1999.
- EURASQUÍN, A. Matilla, Vázquez. “Los teleniños” *Cuadernos de Pedagogía*. Barcelona: Ed. Laia, 1980.
- FERRÉS, Joan. *Televisión Subliminal. Socialización mediante comunicaciones inadvertidas*. Buenos Aires: Paidós, 1996.
- FISKE J. y HARTLEY, J. *Reading Television*. Londres: Methuen, 1978.
- FISKE J. “British Cultural Studies and television”. In R. Allen, ed., *Channel of Discourse*. Londres: Methuen, 1987.
- FUENZALIDA, V. “Motivaciones de los niños hacia la TV: una mirada desde la recepción”. Conferencia Internacional sobre Violencia y Medios Electrónicos. San Juan de Puerto Rico, noviembre, 1994.
- FUENZALIDA, V. *Televisión y cultura cotidiana*. Santiago, CPU, 1997.
- GRANDI, Roberto. *Texto y Contexto en los Medios de Comunicación*. Barcelona: Bosch 1995.
- GERBNE, MORGAN, SIGNORIELL, GROSS. “Crecer con la televisión: perspectiva de aculturación”. In *Los Efectos de los Medios de Comunicación*, Jennings Bryant y Dolf Zillman (comps.), 1º Edição, 1996.
- HALL, S. Y JEFFERSON, T. (eds.) *Resistance Thought Rituals*. Londres: Hutchinson, 1976.
- <http://www.ucm.es/info/per3/cic/> - março, 2000.
- LOZANO, J.C. “Del imperialismo cultural a la audiencia activa: aportes teóricos recientes”. *Comunicación y Sociedad* 10/11, 1990/1991, p. 85-106.
- LINDLOF, T. R. *Qualitative communication research methods*. Thousand Oaks (EUA): Sage Publications, 1995.
- LULL, J. Y SUN, S.W. Agent of modernization: television and urban Chinese families. En J. Lull (Ed.), *World families watch television* (pp.193-236). Newbury Park (EUA): Sage Publications, 1988.

- MARTIN-BARBERO, Jesús. *De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonía*. Barcelona: Ediciones Gustavo Gili, 1987.
- MORLEY, David. *Televisión, audiencias y estudios culturales*, Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1996.
- OROZCO GOMEZ, G. *Educación para la recepción. Hacia una lectura crítica de los medios*. México: Editorial Trillas, 1990.
- OROZCO GÓMEZ, G. *La Investigación en Comunicación desde la perspectiva cualitativa*. Universidad Nacional de La Plata, Ediciones de Periodismo y Comunicación, 1996.
- PEREZ TORNERO, J.M. *El desafío educativo de la televisión*. Barcelona: Paidós, 1994.
- SAVATER, Fernando. “Con la pluma y la palabra”. In: *Revista VIVA del Diario Clarín*, entrevista a Fernando Savater, 20 de maio, 2001, p. 34-37.
- SILVERSTONE, R. *Televisión y vida cotidiana*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1996.
- STEVENSON, Nick. *Culturas Mediáticas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1998.
- THOMPSON, J. “Introducción”. In: *Los medios y la modernidad. Una teoría de los medios de comunicación*. Barcelona: Paidós Comunicación, 1998.
- TOLOZA, Cristián. “Televisión y Niños: Perspectivas de investigación actual”. Seminario *Niños y Televisión*, convocado por Televisión Nacional de Chile (TVN) y la Corporación de Promoción Universitaria (CPU), los días 13 y 14 de mayo de 1999 en Santiago, Chile. web: [www.segegob.cl/secc.estudios/ninos2/tv\\_ninos.html](http://www.segegob.cl/secc.estudios/ninos2/tv_ninos.html), diciembre, 1999.
- TUDOR, A. “Modelos de Comunicación”. In: *Cine y Comunicación Social*. Barcelona: Ediciones Gustavo Gili, 1975, p.19-37.
- URANGA HARBOE, Victoria. “Comunicación y educación: participación de los niñ@s en un mundo global”. In: *Reflexiones Académicas*, nº 12, Facultad de Ciencias de la Comunicación e Información, Universidad Diego Portales, Santiago de Chile, 2000, p. 79-89.
- VIVA. “Chicos Violentos”. In: *Revista del Diario Clarín*, 13 de maio, 2001, p. 21-29.